

MESA REDONDA 1
**MESA 1 | GOVERNAR(-SE): NO CORPO, NA
VOZ, NA ESCRITA**
7 dez. | 10h30min

Prof. Dr. Atilio Butturi Junior (UFSC | CNPq | Campo Discursivo)

Prof. Dr. Pedro de Souza (UFSC | CNPq | Campo Discursivo)

Prof. Dr. Sandro Braga (UFSC | Campo Discursivo)

Mediação Prof. Dr. Atilio Butturi Junior

INTERVENÇÕES

O FASCISMO COMO MUSEU DE GRANDE NOVIDADE

Prof. Dr. Pedro de Souza (UFSC | CNPq | Campo Discursivo)
pedesou@gmail.com

Me sinto conduzido a voltar a ambiência política dos tempos de Hitler e Mussolini, tal como reconstituída no filme *Um dia muito especial*, do cineasta Ettore Scola, 1977. No filme, no dia em que se encontram, em ruidosa manifestação popular em Roma, dois grandes líderes da forma emblemática do fascismo então vigente, acontece no pátio de um alto edifício de moradia, um entro improvável. Confrontam-se no mesmo espaço, longe da manifestação política, a dona de casa fascistamente ciosa de suas obrigações domésticas, e o vizinho homossexual. Enquanto lá embaixo, na rua, o povo celebra a verdade da vida como um todo, dentro e fora das disputas políticas, aqueles dois, diferentes por suas respectivas atitudes de obediência e desobediência, se dão a ocasião de não só pensar, mas de existir de um modo outro. A partir dessa memória cinematográfica dando conta do que se passou e agora se passa em que ninguém escapa à miséria que precariza nossas relações, quero retomar aqui uma reflexão reiterando o que Michel Foucault atentou para os fascismos cotidianos em nossas cabeças. Mas mais do que chover no molhado e insistir sobre o obvio quero tomar a cena do casal inusitado de *Um dia muito especial*, de que modo se pode exercitar uma vida outra às margens do que atualmente e de modo a histórico se banaliza como fascismo. A pergunta é: qual a forma do museu de uma língua e uma voz cantando pelo não fascismo?

GOVERNAR OS CORPOS, GOVERNAR AS COISAS

Prof. Dr. Atilio Butturi Junior (UFSC | CNPq | Campo Discursivo)
a_butri@yahoo.com.br

A proposta da intervenção é, a partir da sugestão de Thomas Lemke de que a governamentalidade pode operar num regime de coisas (no sentido dado a este tema no curso *Segurança, Território, População*), inventariar duas modalidades de governo nos textos foucaultianos: um relacionado aos corpos e aos sujeitos; outro, menos celebrado, voltado para as coisas. Dessa perspectiva, interesse-me por adensar as relações possíveis entre a arqueogenealogia e o que se tem chamado de realismo agencial e, nesse movimento, volto-me para a pesquisa desenvolvida acerca dos dispositivos da aids, de modo a descrevê-lo como uma espécie paradigmática para o que, por fim, estabeleço – desta feita teoricamente – como uma análise neomaterialista dos discursos.

O DISCURSO NÃO É SÓ PALAVRA: DO DIZER QUE GOVERNA À MORTE

Prof. Dr. Sandro Braga (UFSC | CNPq | Campo Discursivo)
sandrocombraga@gmail.com

Em um trabalho recente que orientei como dissertação de mestrado, propomos uma reflexão em torno do fármaco cloroquina usado para o tratamento da covid-19 em meio à pandemia deste vírus que assolava o mundo. Num primeiro momento, nossa compreensão foi a de que este medicamento havia sido utilizado como dispositivo – nos termos foucaultiano – de controle da doença. Mais adiante, abandonamos a ideia de dispositivo para pensarmos como a produção de dizeres mobilizada, de um lado, pelo discurso da ciência para indicar a ineficácia da droga e, de outro, pelo discurso político de extrema direita na defesa do tratamento com o tal remédio, produzia o que entendemos, também a partir de Foucault, como o acontecimento discursivo da cloroquina. Neste momento, gostaria avançar nessa reflexão, mas para isso precisarei retornar à ideia de dispositivo para compreender o biopoder agindo como forma de uma necropolítica, agora na concepção de Mbembe. Daqui em, diante parece-nos clara a relação do direito à vida e o destino à morte como uma atualização do fascismo como regime de governos extremistas.

